

## A ESTRUTURAÇÃO SIMBÓLICA DAS COLAÇÕES DE GRAU: O IMAGINÁRIO DE CONCLUINTES DE UM INSTITUTO FEDERAL EM CONTEXTO PANDÊMICO\*

Kênia ZANELLA<sup>√</sup>  
Heloisa Juncklaus Preis MORAES<sup>√√</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa propõe o início de um estudo acerca das simbologias que envolvem o ritual das colações de grau, na perspectiva dos concluintes, cerimônias estas compostas de ritos significativos em diversas instituições de ensino, em que cada uma das ações que compõem estas cerimônias apresenta um sentido instituído, patente. Entretanto, na perspectiva latente, emergem significados e vivências diferentes em torno de cada um dos símbolos, para cada concluinte que finaliza um ciclo de estudos, culminando na Colação de Grau. Logo, pode-se inaugurar uma reflexão acerca das práticas das colações de grau e suas constelações de imagens, incluindo, ainda, a especificidade do cenário pandêmico, em que as tradicionais solenidades foram transformadas, com o uso da tecnologia, em virtuais ou híbridas, em um período em que o distanciamento social se fez necessário. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a estruturação simbólica das colações de grau em cenário pandêmico, no imaginário dos concluintes dos três cursos superiores do Instituto Federal Catarinense, *Campus Avançado Sombrio*. À luz da metodologia do imaginário de Durand, a partir dos núcleos simbólicos redundantes presentes nas narrativas dos concluintes, os mitemas encontrados foram: realização pessoal; início de um novo ciclo; gratidão; compartilhamento de emoções; e

---

\* Artigo recebido em 20/06/2022 e aprovado em 11/07/2022.

<sup>√</sup> Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Unisul. Docente no Instituto Federal Catarinense Campus Avançado Sombrio. E-mail: kenia.zanella@ifc.edu.br

<sup>√√</sup> Doutora em Comunicação Social pela PUC-RS. Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem na Unisul. E-mail: heloisapreis@hotmail.com.

vivenciar tradição. Em relação à possibilidade de realização da colação de forma online, para a maioria, não haveria problemas no formato. Para uns, seria uma forma de aproximar as pessoas que estão longe e, para outros, haveria uma certa frustração em não poder estar presencialmente com as pessoas de seu convívio.

**Palavras-chave:** Imaginário. Colação de grau. Símbolos. Rito de passagem.

## 1 INTRODUÇÃO

Colação de grau é um rito de passagem em que o então acadêmico recebe a outorga para exercer a profissão que escolheu seguir, mediante juramento perante à sociedade, imposição do capelo e recebimento do canudo que simboliza o diploma de conclusão de curso. Cada concluinte carrega o seu imaginário a respeito desta etapa de suas vidas, podendo esta ser um sonho realizado, uma vitória frente às adversidades e percalços enfrentados no caminho, um desejo familiar, uma mera formalidade, ou até mesmo apenas uma regra das universidades e que não precisaria existir.

A partir do ano de 2020 essa trajetória encontrou ainda mais percalços, devido ao contexto de pandemia pelo coronavírus SARS-CoV2, cenário este que muitos destes jovens concluintes de curso superior só haviam conhecido por meio dos livros de história, nem devaneando de que algo parecido pudesse acontecer em suas existências. No ano de 2020, a epidemia do novo Coronavírus transformou muitas vidas. Todos nós fomos forçados a manter distanciamento social e os eventos foram cancelados, sem previsão de retorno. Em sala de aula, muitos alunos comemoravam o cancelamento das aulas, sem nem ao mesmo entender ou imaginar a proporção que a situação tomaria e nem ideia dos números de pessoas com agravamento da doença e óbitos causados por ela. A partir do momento em que as notícias foram sendo informadas, as pesquisas ampliadas e os números divulgados, as angústias foram aumentando. Diversos setores foram afetados, uns mais que os outros e muitas pessoas perderam seus empregos. Neste artigo, em específico, abordaremos uma das áreas mais atingidas pelo distanciamento, isolamento e quarentena

impostos pela pandemia: a realização de eventos e, em específico, das colações de grau e o sentimento dos acadêmicos frente à possibilidade da não realização presencial de suas solenidades de conclusão de curso.

O momento da conclusão de um curso é um dos mais aguardados para a maioria dos concluintes, em que vestir a beca, receber o grau e pegar o canudo são momentos especiais e que simbolizam a ascensão na vida profissional, passando de estudantes a profissionais da área escolhida. Entretanto, muitos sonhos foram interrompidos diante dos cancelamentos das solenidades presenciais. O juramento foi feito em frente a uma tela de computador ou celular, a imposição do grau recebida de forma virtual e não houve o recebimento do canudo e, muito menos, a veste talar e o tradicional **jogar o capelo ao alto**, simbolizando a conquista e a comemoração. Os gritos eufóricos foram substituídos pelo silêncio dos microfones da sala virtual, os sorrisos de felicidade pela foto de perfil ou avatares em suas câmeras fechadas, seguindo à risca um protocolo tecnológico que não comprometesse a qualidade da transmissão ao vivo.

Entretanto, entende-se que as cerimônias são momentos em que estados de espírito são exaltados e compartilhados, promovendo narrativas míticas que ultrapassam as barreiras das formalidades protocolares, expressando o sensível, o imaginário. Este último, enquanto transformador da realidade, ou seja, nas palavras de Durand (2004), um museu de imagens e de processos, tanto mentais quanto materiais, de produzir essas imagens para a interpretação do que é real, o imaginário é o estado de espírito de um grupo (...) estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Assim, propomos o início de um estudo acerca das simbologias que envolvem o ritual das colações de grau, na perspectiva dos concluintes, cerimônias estas compostas de ritos significativos em diversas instituições de ensino, em que cada uma das ações que compõem estas cerimônias apresenta um sentido instituído, patente. Todavia, na perspectiva latente, emergem significados e vivências diferentes em torno de cada um dos símbolos, para cada concluinte que finaliza um ciclo de estudos, culminando na Colação de Grau. Logo, pode-se inaugurar uma

reflexão acerca das práticas das colações de grau e suas constelações de imagens, incluindo, ainda, a especificidade do cenário pandêmico, em que as tradicionais solenidades foram transformadas, com o uso da tecnologia, em virtuais ou híbridas, em um período em que o distanciamento social se fez necessário.

Deste modo, este estudo tem como objetivo geral analisar a estruturação simbólica das colações de grau em cenário pandêmico, no imaginário dos concluintes dos cursos de Tecnologia em Gestão de Turismo, Tecnologia em Redes de Computadores; e Licenciatura em Matemática, do Instituto Federal Catarinense, *Campus Avançado Sombrio*.

A pesquisa voltou-se para os acadêmicos do último ano dos cursos superiores citados no objetivo geral e a investigação foi realizada por meio de suas experiências relatadas em entrevistas, a fim de compreender o imaginário da colação de grau e as possíveis transformações devido ao cenário pandêmico, em que o distanciamento social se fez necessário e as cerimônias presenciais foram substituídas por virtuais. Salienta-se que este estudo é um ensaio de tese, realizado para o doutorado em Ciências da Linguagem na Unisul, *Campus Tubarão - SC*, tendo como objeto de estudo o imaginário das Colações de Grau, não incluindo o contexto pandêmico. Cabe ressaltar ainda, que após a conclusão destes escritos, os eventos presenciais foram autorizados e os acadêmicos puderam, enfim, realizar a cerimônia de forma presencial. As observações feitas no decorrer da solenidade estão registradas nas considerações finais.

Para a coleta de dados, em um primeiro momento fez-se o levantamento da quantidade, nomes e contatos dos acadêmicos que, possivelmente, concluiriam seus cursos no ano de 2021, em contato com os coordenadores dos referidos cursos. O levantamento apontou para 18 concluintes de Gestão de Turismo; 06 de Redes de Computadores; e 07 de Matemática, totalizando 31 acadêmicos que estão finalizando seus cursos superiores. Deste universo, 09 acadêmicos concordaram em participar da pesquisa, sendo 05 de Turismo; 01 de Redes; e 03 de Matemática.

Elaborou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada, partindo de quatro temas centrais: 1. O último semestre e a conclusão da faculdade; 2. Perspectivas futuras, enquanto graduado; 3. O dia da colação de grau; e 4. As expectativas de

colação de grau e o cenário pandêmico. Os temas foram explanados, em ordem, aos participantes e estes puderam falar livremente a respeito, com algumas intervenções da pesquisadora, a fim de explorar ainda mais conteúdos para as análises, partindo de assuntos que eles abordavam em suas falas. As entrevistas foram feitas individualmente e de forma virtual, via *google meet*, sendo estas gravadas com a autorização dos partícipes e, posteriormente, transcritas para possibilitar as análises.

Os dados foram analisados sob a perspectiva da mitocrítica, de Gilbert Durand. A mitocrítica procura descobrir quais são os mitos condutores de obras literárias, e artísticas, dos relatos, histórias de vida, documentos e narrativas, seguindo alguns passos metodológicos, descritos por Ferreira-Santos e Almeida, (2020, p. 116):

1) Relacionam-se os temas, as recorrências simbólicas, que constituem as sincronicidades míticas da obra. 2) Examinam-se as situações e as combinatórias de situações dos personagens e dos elementos que perfazem o plano diacrônico. 3) Utiliza-se um tipo de tratamento à americana, localizando-se as diferentes lições do mito, correlacionado-as com as de outros mitos de uma época ou de um espaço cultural determinado.

As cerimônias de colação de grau estruturam-se a partir de símbolos e de recorrências simbólicas, ligando-os a um mito diretor. Assim, entende-se que a utilização da mitocrítica seja pertinente para a identificação da constelação de imagens que formam a estrutura simbólica dos concluintes e suas possíveis transformações em um cenário de pandemia, em que as solenidades presenciais foram substituídas pelas virtuais. Por meio das entrevistas aos acadêmicos que estão cursando o último semestre e caminham para a outorga de grau, compreendidas em um dado contexto cultural, utilizou-se da mitocrítica, percebendo as recorrências simbólicas que dão forma ao mito, este compreendido, nas palavras de Durand (1985, p. 244):

como um relato (discurso mítico) que dispõe em cena personagens, situações, cenários geralmente não naturais (divinos, utópicos, surreais, etc.), segmentáveis em sequências ou reduzidas unidades semânticas (mitemas) onde, de modo necessário, está investida uma crença - contrariamente à fábula ou ao conto.

A razão pela qual os mitos latentes ou patententes podem ou devem ser estudados, na visão de Durand é que um autor ou uma sociedade, em algum momento torna-se obcecado por um ou mais mitos, tomando consciência de seus sentimentos relacionados às aspirações, desejos, medos, terrores, dentre outros, expressados explícita ou implicitamente.

Esta pesquisa, portanto, propõe o início de um estudo acerca das simbologias que envolvem o ritual das colações de grau, na perspectiva dos concluintes. Cerimônias estas compostas de ritos significativos em diversas instituições de ensino, mas que, para muitos concluintes, pode não ter o mesmo sentido, pois, além das formalidades, orchestra-se uma sequência de imagens que constrói imaginários, surgem mitemas que compõem narrativas que podem ser revisitadas, recriadas e expressas por meio deste ritual. Logo, pode-se inaugurar uma reflexão acerca da prática das colações de grau e as constelações de imagens que delas afloram.

## 2 O IMAGINÁRIO DAS COLAÇÕES DE GRAU E O CENÁRIO PANDÊMICO

As colações de grau podem ser compreendidas além de mera formalidade e obrigatoriedade acadêmica. Consideradas como um rito de passagem, perpassando a vida estudantil à profissional, impregna-se de significados. Esses significados presentes no imaginário dos concluintes podem ser compreendidos a partir da estrutura antropológica de Durand, que compreende o ser humano enquanto ser simbólico.

Para o autor, o real é uma construção social, entendido como as interpretações que os seres humanos fazem da realidade, por meio das transações entre subjetivações e objetivações, perfazendo um trajeto antropológico, este, nas palavras de Durand (2012, p. 41) entendido como a “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”. Durand destaca ainda, que esta teoria do trajeto antropológico pode ser encontrada em Bachelard (**O ar e os sonhos**) e em Bastide (**Sociologia e Psicanálise**). No trajeto antropológico, vários

elementos simbólicos são expressos de diferentes maneiras, incluindo linguagem, mito, religião, arte e rito (DURAND, 2012).

Os ritos se fazem presentes em variadas situações nas relações humanas de uma sociedade, apesar de suas pesquisas terem sido aprofundadas e difundidas no contexto religioso. O rito refere-se à uma ação concreta, enquanto ritual refere-se ao conjunto destas ações (CRUZ, 2016). Como aponta Matta (2012, apresentação), “falar em vida social é falar em ritualização”. Na perspectiva das colações de grau, os ritos e os símbolos presentes nestas cerimônias foram concebidas pelas universidades europeias, quando de seus adventos, sendo que a primeira universidade do ocidente surgiu no ano de 1088, em Bolonha, sul da Itália. Esses costumes foram refletidos nas universidades brasileiras, as quais seguiram, principalmente, as tradições das universidades portuguesas, porém, adaptando-se à cultura local (LORDÃO, 2019).

A colação de grau é um ato obrigatório para o aluno, podendo ocorrer em duas modalidades, de acordo com o Guia de Eventos da Rede Federal (BRASIL, 2017): a colação em gabinete (sem a participação pública e sem as vestes talares, onde há a presença do concluinte, do reitor e da secretária escolar para a redação da ata); e a sessão solene (aberta ao público, com o uso de vestes talares, composição da mesa de honra, execução do Hino Nacional, juramento, outorga de grau e discursos).

Além do lado patente das colações de grau, ou seja, na visão de Carvalho (2021) refere-se ao instituído, ao estabelecido, as normas e o nível racional, “no ritual de colação de grau encontramos ações sociais manifestas pelo poder simbólico, pela simbologia e pelos símbolos” (DALHUISEN, 2018, p. 68). Barcelos (2016, p. 42) complementa ainda que esses “são momentos em que ritos, símbolos e cerimonial se aliam à celebração, permeados pela tradição e caráter solene deste ritual de passagem entre a vida acadêmica e a vida profissional”. Assim, podemos relacionar com a teoria do imaginário, pois, de acordo com Maffesoli (2001, p. 76), “o imaginário é também a aura de uma ideologia, pois, além do racional que a compõe, envolve uma sensibilidade, o sentimento, o afetivo”. Para Carvalho (2021), concerne à cultura latente (vivências, afetividade, imaginária e fantasmatisações).

Ferreira-Santos e Almeida (2020, p. 40) indicam uma abrangência no conceito de imaginário, sugerindo “conjunto de imagens”, “todas as criações do pensamento humano”, “relações de imagens” e ainda concluem que se delinea por seu “aspecto dinâmico e figurativo”. Concatena-se, desta forma, com o pensamento de Pitta (2017), de que o imaginário, além de ser o conjunto de imagens, é algo compartilhado por um grupo social. Esses conceitos são herdados da teoria de Durand (2004), o qual enfatiza que, além de ser um agrupamento de imagens e suas relações, constituem-se o capital pensado do *homo sapiens*. Refere-se a um museu de imagens e os processos, tanto mentais quanto materiais, de produzir essas imagens.

Juremir Machado da Silva (2020) descreve o imaginário em cinco versões. A primeira indicando que este produz uma atmosfera, uma aura, como defende Maffesoli; enquanto ficção compartilhada, tendo uma verdade vivida em sociedade, possível de ser descrita e compartilhada em determinado grupo; como fantástico do cotidiano, também nas concepções de Maffesoli, destaca que “o cotidiano está impregnado de fantasias que o transformam, por momentos, em espaço de excitação e de deslumbramento” (SILVA, 2020, p. 11); o imaginário como memória afetiva reflete o particular e suas relações com o externo; como excedente de significação remete ao imaginário em sentido superior a uma aura, atribuindo, assim, aos momentos vividos um “sentido transcendental”, um “*plus* de significado”, um “transbordamento”.

As cerimônias, abundantes de ritos, “são como as etapas de um ciclo que se deseja marcar e revelar, uma espécie de moldura especial...”, sendo que essas etapas podem ser consideradas de diversas formas, mesmo aquelas comuns, cruéis, ritos realizados quando amamos ou também quando “fuzilamos”, pois a vida em sociedade sugere a incorporação de ritos que promovam as vontades humanas de passar e ficar, esconder e mostrar, controlar e libertar (MATTA, 2012, apresentação). Van Gennep (2012), em relação aos ritos de passagem, ressalta que a vida consiste em estágios dinâmicos e sucessivos, que se manifestam desde o nascimento até a morte de uma pessoa, passando pelas etapas da puberdade, progressão de classe, casamento, dentre outras. “É o próprio fato de viver que exige



as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra” (VAN GENNEP, 2012, n.p).

Como ritual de passagem, podemos incluir as cerimônias de colação de grau, em que o acadêmico perpassa a vida de estudante em busca de posição no mercado de trabalho, enquanto profissional da área escolhida. É a superação de um ciclo para a iniciação de outro, enquadrando-o nessa moldura especial em um rito de passagem. O rito de passagem, para Van Gennep (2012) constitui-se de três fases: ritos preliminares (separação), liminares (margem, transição) e pós-liminares (agregação, incorporação). Poderíamos observar a Colação de Grau como um rito liminar, ou seja, uma transição entre dois estados. Iniciada como um rito preliminar - a separação da vida acadêmica e renascendo em uma nova vida - a vida de profissionais da área que escolheram seguir (pós-liminares).

O cerimonial, por si só, é um ato repleto de ritos e foi criado para que fossem estabelecidas regras de convívio social e, no caso do Brasil, foi herdado da colonização portuguesa, sendo incorporados rituais franceses e ingleses após a independência. Na atualidade, é regulamentado pelo Decreto no. 70.274, de 1972, o qual estabelece as normas do cerimonial público e a ordem geral de precedência (LORDÃO, 2019). As origens do cerimonial universitário remontam o período medieval, mais precisamente com o advento da Universidade de Coimbra, no século XIII, em Portugal. O Brasil espelhou-se nesse modelo, apesar de que, atualmente, encontra seu próprio caminho, com ritos e rituais que valorizam as questões regionais, de acordo com Barcelos (2016).

Uma cerimônia de colação de grau é composta, de modo geral, pelo início da sessão solene; composição da mesa de honra; entrada dos concluintes; execução do Hino Nacional; abertura oficial pelo Reitor ou seu representante legal; juramento, feito por um concluinte escolhido pela turma, repetido pelos demais; outorga de grau e entrega de diplomas, pelo Reitor ou seu representante em chamada nominal dos concluintes; discursos do orador, do paraninfo, do diretor de *Campus* e do Reitor ou seu representante e encerramento, com o tão esperado momento de “jogar o capelo para o alto”, simbolizando a conquista, a felicidade e a realização de mais uma etapa (BRASIL, 2017; GARBELOTTI, 2013).

Inspirado na filosofia de Bachelard, no imaginário, para Durand, as imagens são agregadas em dois universos antagonistas - produzidos no trajeto antropológico - por ele denominados de regime diurno e regime noturno. No regime diurno, ligado aos princípios da lógica, podendo ser associado ao racionalismo de Descartes, considera os símbolos, imagens e arquétipos na perspectiva de contraposição (AZEVEDO; SCOFANO, 2018, p. 106). Este regime está relacionado à verticalidade do ser humano, tratando-se da divisão, separação e luta, sendo que os “símbolos constelam em torno da noção de Potência”, conforme indica Pitta (2017, p. 29).

Em oposição ao regime anterior, o noturno funde e harmoniza as imagens, enfatizando o descer interior na busca pelo conhecimento e descobrindo, nas palavras de Azevedo e Scofano (2018), “o profundo, o calmo, o quente, o íntimo, o aconchegante, o escondido e o acolhedor, o cuidado”. Durand (2012, p. 197) enfatiza que o regime noturno da imagem “estará constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo”. Divide-se em estrutura mística e sintética, sendo a primeira considerada a quietude, o gosto pela intimidade, abrangendo símbolos de inversão e intimidade; e a segunda o movimento cíclico do destino, considerando o tempo como positivo e rodeado de símbolos cíclicos, reagrupando-se “de forma a dominar o tempo” (PITTA, 2017, p. 35).

Nos anos de 2020 e 2021 as cerimônias de colação de grau passaram por uma transformação, frente ao contexto de pandemia. A Organização Mundial de Saúde declarou a pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), no dia 11 de março de 2020, devido a sua acelerada disseminação em todo o mundo. Com isso, no Brasil, assim como em outros países, elaboraram-se protocolos diversos para o enfrentamento do vírus e uma das ações é o distanciamento social, proibindo aglomerações de pessoas, ocasionando o fechamento temporário de comércios, escolas e prestadores de serviços considerados não essenciais. Da mesma forma, os eventos presenciais foram impedidos de serem realizados, visando a saúde pública.

Assim, da mesma forma, as universidades precisaram adaptar suas cerimônias de colação de grau para o modelo virtual, mantendo alguns rituais como o juramento e a imposição do grau, mas nem todas com a utilização das vestes talares, a

distribuição dos canudos, a colocação do capelo e o lançamento do acessório ao alto, simbolizando a conquista dos concluintes. Os convidados puderam acompanhar pelas mídias sociais e os concluintes pelas plataformas de transmissão ao vivo. Até o final de 2021, ainda que com os avanços da vacinação da população, muitos concluintes ainda estavam na dúvida se poderiam ou não celebrar suas outorgas de maneira presencial, considerado que cada um deles pode entender esse momento de diversas formas. É por isso, portanto, que se pretende entender a estruturação simbólica das colações de grau de um grupo de acadêmicos que estão no último ano de seus cursos, em especial diante deste contexto de pandemia.

### **3 ESTRUTURAÇÃO SIMBÓLICA DAS COLAÇÕES DE GRAU EM CENÁRIO PANDÊMICO**

A conclusão de uma trajetória acadêmica pode ter muitos significados para quem passa por essa etapa. São três ou quatro anos conciliando estudos, trabalho, família e amigos. Muitos abdicam de horas de sono, de momentos de lazer para ter êxito em seus objetivos. Para alguns, os anos passam em um piscar de olhos, para outros, pode demorar uma eternidade. Alguns sentirão saudades, outros nem tanto. Assim, para entender quais os sentidos da conclusão de um curso superior, o primeiro tema das entrevistas com os concluintes dos cursos superiores do IFC-CAS foi dedicado aos sentimentos deles em relação ao final da faculdade, as representações e sentimentos de estarem concluindo uma etapa de suas vidas.

Para uma melhor organização e identificação das respostas, a letra **T** será utilizada quando nos referirmos de concluinte do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo; **M** para Licenciatura em Matemática; e **R** para Tecnologia em Redes de Computadores. A numeração equivale à ordem das entrevistas de cada curso.

As respostas a esse tema foram marcadas pela emoção, na maioria dos entrevistados e as palavras mais repetidas foram desafio, vitória, gratidão, realização, satisfação e superação. Desafio por enfrentar muitas situações diversas, como a distância da família, as dificuldades com algumas disciplinas, a impossibilidade de realizar estágios presenciais por conta da pandemia, problemas

com doenças ou relacionamentos abusivos, conciliar trabalho com os estudos ou até mesmo abdicar do emprego e privar-se de convívio social para que pudesse concluir o curso. A partir disso, a superação dos percalços e, conseqüentemente, sentimentos de satisfação, realização e vitória.

A realização das aulas de forma remota dividiu opiniões. Desmotivou alguns concluintes, deixou outros ainda mais ansiosos, tendo que esperar um ano inteiro para poder fazer o estágio presencial. Mas para uma entrevistada, a pandemia foi um fator positivo, pois, de acordo com ela, “estou com tempo disponível, pude pesquisar, eu pude estudar, eu pude responder as provas com o *Google* na frente, buscando (...) diferente de uma prova na tua frente, que tu tem que executar na hora. Então aí, eu digo, ah, eu tô realizada agora, como é que eu não vou ter gratidão com essa pandemia?” (T2). Para esta mesma entrevistada, a conclusão de uma faculdade representa muito, pois é a realização de um sonho, que teve de ser adiado por muitos motivos pessoais, mas que nunca desistiu de realizá-lo.

Outro entrevistado ressalta que são poucas as pessoas que têm o privilégio de ter acesso à educação e ele conseguiu, por isso sente-se muito realizado. Disse ainda, que na empresa em que trabalhava, quando ainda possuía somente o ensino médio, os profissionais da área comportam-se como se estivessem em um patamar superior e ele, em suas palavras, como metáfora, ele disse que “apanhava”. O que o motivou a entrar para o curso escolhido e agora conclui como satisfação pessoal e também para a realização do sonho de sua mãe, que é o de ver os filhos formados em uma faculdade (R1).

Ansiedade foi uma característica presente em dois dos depoimentos coletados, em relação à finalização do curso superior. “A ansiedade de logo entrar na carreira e seguir minha profissão” (M2). Uma concluinte de turismo ressaltou que:

Agora to sentindo medo, insegurança, ansiedade, mas eu sei que vai dar tudo certo, né? E depois eu vou ficar bem feliz. A insegurança eu acho que é depois, porque eu vou ficar assim: o que é que eu vou fazer agora? Mas a ansiedade é por vim o estágio, que eu to pensando uma coisa, daí eu chego lá é outra. Mas, depois que passar isso, o estágio, o TCC, eu acho que a gente vai ficar mais leve e com certeza bem mais feliz e entusiasmado, né? (T4).

Por fim, ainda em relação ao último ano da faculdade, constatou-se, nos depoimentos, que os concluintes destacam que completam um ciclo e iniciam outro, como “um pontapé inicial (...) conseguir, com o diploma, estar trabalhando, conseguir fazer especializações... Então eu enxergo mais por esse esse viés, assim, de uma etapa inicial que eu estou conseguindo concluir, sabe? Uma realização bastante gratificante” (M3).

O segundo tema da conversa com os concluintes relacionou-se às suas perspectivas futuras, assim que receberem o grau de tecnólogos ou licenciados. A maioria dos entrevistados demonstrou o interesse em continuar estudando, se especializando em suas áreas, iniciando cursos ou mestrado. De acordo com uma das entrevistadas, para ela, não se deve trabalhar só por trabalhar, “porque a gente vai passar mais tempo ali do que em casa, às vezes. Claro que a gente precisa trabalhar, mas tem que ser em algo que a gente goste” (T4). Apenas uma acadêmica ressaltou que “a minha perspectiva é sair da faculdade realizada, voltar realizada de qualquer maneira, não tenho coisa assim, ó, eu quero fazer isso, isso no futuro... eu já realizei, aí é só aplicar tudo o que eu aprendi” (T2), destacando que esta acadêmica já está aposentada e atualmente possui um negócio autônomo e desenvolve suas atividades em sua própria casa. A conclusão da faculdade era o seu grande sonho.

Ainda em relação à realização profissional, um concluinte de turismo, de forma muito emocionada, destacou que a primeira ação dele, assim que concluir o seu curso seria viajar, “largar o meu emprego, largar tudo e fazer um mochilão pela América do Sul, poder sair dizendo, eu sou turismólogo, conhecer realmente outras partes do nosso continente, porque eu acho que, muitas pessoas têm uma, uma ideia de que turismo é só na Europa” (T3). Com essa viagem, para ele, seria a prática de toda a teoria que aprendeu em sala de aula e completa que “poder dizer que eu tenho uma experiência de turismólogo, de explorador, eu sei e eu entendo do assunto” (T3).

A partir daqui, adentramos ao assunto principal deste estudo, que é relacionado à colação de grau. Em alguns momentos, fez-se necessário mudar a expressão para “formatura”, termo popular utilizado para identificar a cerimônia de

outorga de grau, para melhor entendimento dos colaboradores da pesquisa. Assim, buscou-se entender quais significados têm, para esse grupo, a cerimônia de colação de grau.

As opiniões relacionadas a esse evento foram divididas, entre ser algo muito esperado e algo que apenas representa uma etapa, essencial para a garantia do diploma de graduação e que nunca pensaram ou sonharam com o momento, apesar de considerarem importante, por ser o fim do ciclo, sendo um “momento diferente e gratificante” (T1). Para o estudante de Tecnologia em Redes de computadores, a colação de grau é importante para os cursos que forneçam os títulos de engenheiro, médico, advogado, os quais, na visão dele “tem lá sua pompa” (R1). Para ele, a importância maior de sua faculdade é o conhecimento adquirido, sendo a colação de grau uma consequência de todo o esforço empreendido durante os anos de estudos. Enfatiza que, “o que eu levo da faculdade, o que eu estou almejando da faculdade é o conhecimento (...) ponto! (...) Ela é o resultado, talvez, de todo o esforço que eu fiz enquanto estudante. Então esse é o meu prêmio, assim falando bem popular, é o prêmio que eu vou receber” (R1). Esse conhecimento adquirido ele poderá aplicar profissionalmente, como empreendedor ou como colaborador de alguma empresa e no dia da cerimônia de colação de grau é o momento de mostrar para as pessoas do convívio pessoal que está recebendo o diploma pois cumpriu com todas as etapas obrigatórias do curso escolhido, após todo o esforço e enfrentamento de dificuldades das mais diversas.

Para quatro entrevistados, a cerimônia é uma tradição que deve ser mantida, comparando-a com outras cerimônias de passagem da vida em sociedade, como as festas de 15 anos, a maioria dos 18 e os casamentos. O evento de colação de grau é comparado, por um dos concluintes, como “um baile, um baile de debutantes para apresentar a sua cidade um profissional de turismo” (T3), ou seja, uma forma de apresentar aquele profissional para a sociedade. A possibilidade de não existir mais festas de debutantes e formaturas, de trocar uma cerimônia de outorga de grau por uma viagem ou dizer que essas tradições estão ultrapassadas, ou então guardar o dinheiro para fazer uma viagem, estão fora de cogitação para uma concluinte de Gestão de Turismo, a qual teve esse momento sempre sonhado, enfatizando que

esta cerimônia representa a felicidade de quem lutou e conseguiu chegar até o final de uma graduação (T4). Cada detalhe é importante e “eu vou me preparar, como se fosse uma noiva para o casamento (...) essa é uma realização minha mesmo, e essa felicidade ninguém vai me tirar” (T2).

Em relação aos ritos que compõem uma cerimônia de colação de grau, fica evidente que os concluintes desconhecem suas origens e seus significados, mas que recebem e interagem com essas sensações exteriores, mergulhando em um universo de sensações e energia espiritual, criando mundos de experiência, por meio do rito de passagem, que é uma das formas simbólicas que moldam a realidade, relembrando os ensinamentos de Cassirer. Entendem que faz parte de toda a tradição e sentem-se orgulhosos em passar por todas as etapas da solenidade, entretanto, consideram como um costume histórico. Uma das entrevistadas relatou, em relação às vestes talares, em tom de felicidade, orgulho e carinho, que “a beca eu acho top, top, top, top. Eu queria usar aquele chapeuzinho assim, ó, de ladinho, assim, com a becazinha” (T1). Outro acadêmico enfatiza que “a roupa é uma roupa padrão, precisa todos estarem iguais” (R1), corroborando com a fala de outro participante da pesquisa “acredito que a vestimenta, por exemplo seja uma formalidade” (M3). As vestes talares, na visão de outra acadêmica, podem não ser necessárias, mas é algo que ela considera “muito bonito” e, em suas palavras “acho que é uma coisa formal, uma coisa tradicional” (T5). Finaliza ainda, dizendo que ela gosta “muito das partes tradicionalistas”. Sem as vestes talares, a “formatura ficaria um pouco chocha” (T4). As vestimentas, no entanto, são importantes para a colação de grau e “a gente se sente diferente estando com elas” (M2).

As vestes talares são divididas em Reitoral, de uso exclusivo de Reitores de universidades, sendo estas compostas por beca na cor preta, faixa, pelerine - ou samarra, capelo e borla brancos. A borla é um acessório utilizado na imposição do grau aos concluintes; Professoral, usada pelos professores de universidades, compondo-se de beca preta, pelerine e faixa na cor do curso de sua formação acadêmica; e traje dos concluintes, composta de beca na cor preta, faixa na cintura na cor do curso, capelo e *jabour*. Garbelotti (2015) explica que as vestes talares (talar, do latim, significa veste comprida, até o calcanhar) são originárias da antiga

Roma, como trajes dos Sacerdotes. As universidades europeias passaram a utilizar a partir do século XIII, indicando a posição hierárquica superior da figura do Reitor. Pondera ainda, que, apesar de serem símbolos ainda não normatizados, isentos de legislações ou portarias oficiais, “preservar o protocolo Universitário é de extrema importância na manifestação da Autonomia Universitária, o protocolo é parte significava da herança cultural das Universidades” (GARBELOTTI, 2015, p. 1). Reitor e professores usam a veste talar para demonstrar hierarquia na instituição, tendo pelerine sobre os ombros indicando a cor que representa suas áreas de formação. Os concluintes usam a beca para terem destaque entre os demais convidados, indicando a responsabilidade que passam a ter perante a sociedade e o mérito pela aquisição do grau.

Os momentos mais aguardados e emocionantes, na visão dos entrevistados é a hora da outorga do grau e do recebimento do canudo, com a vestimenta característica e podendo agradecer a família, os amigos e os professores que acompanharam a jornada. Esse momento é considerado, por eles, o ápice, o ponto X, ou, como relata um dos entrevistados “eu acho que a primeira coisa que eu pensaria é: agora eu tenho um compromisso comigo e com a sociedade de uma forma positiva” (T3). Outro entrevistado enfatiza ainda mais esse instante:

Para mim, a hora em que eles me conferem o grau de tecnólogo vai ser o ápice, é o máximo que eu posso chegar ali, a felicidade... é o teto da minha felicidade. vai bater tudo ali, a adrenalina sobe até ali e é aquilo ali para mim é o topo, é o máximo, é aquela hora de conferência do grau. O restante é formalidade, tem que cumprir e com certeza vou cumprir, porque é uma formalidade, mas com certeza é a hora da colação do grau, é a hora que me conferem o grau e me entregam o certificado e aquele ali é o ponto máximo (R1).

A outorga de grau, “ato no qual o (a) Reitor (a) (ou seu representante) concede aos concluintes de cursos superiores o grau de Tecnólogo, Bacharel ou Licenciado” (BRASIL, 2017), é marcada pela imposição do capelo e, posteriormente, a entrega do canudo, simbolizando o diploma, sendo este um momento que marca individualmente e publicamente a ascensão profissional dos até então, acadêmicos de universidade (BARCELOS, 2016).



O juramento é um ato oficial e obrigatório para a concessão do título referente ao curso que o concluinte finalizou. É um ato público que reconhece, diante da sociedade, os direitos e deveres enquanto profissionais da área escolhida, pautados na ética e desenvolvimento das competências adquiridas. Os enunciados presentes nos juramentos de cada profissão são elaborados pelos seus Conselhos Regionais, por meio de Resoluções e que deverão ser utilizados em todo o território nacional, ou estabelecidos pelas Universidades. É nesse momento, portanto, em que “há o compromisso público do graduando, expresso no juramento, de utilizar os conhecimentos adquiridos na e para a sociedade” (LORDÃO, 2019). Este rito foi lembrado, também, por um dos entrevistados como “o ato simbólico mais importante (...) quando você jura exercer aquela profissão de forma responsável e ética, mesmo que algumas vezes alguns profissionais não façam isso, mas eles estão jurando naquele momento, então, o compromisso pelo qual você firma com a sua profissão” (T3).

Os homenageados foram lembrados de forma ampla, enquanto professores que acompanharam a jornada dos alunos, durante os anos em que estiveram na faculdade. Apenas uma entrevistada citou a palavra “paraninfo”, considerando que o momento de seu discurso é importante e faz parte de todo o ritual da cerimônia. Os discursos, momentos igualmente marcantes de uma solenidade de colação de grau, de acordo com Lordão (2019, p. 87), “traduzem verbalmente a emoção, a saudade, o futuro almejado, a responsabilidade e também o sentimento de pertencimento à instituição”. Os homenageados são representados no discurso do paraninfo, sendo este, de acordo com Garbelotti (2013, p. 35), a “personalidade que mantém prestígio incondicional junto aos formandos, sendo o padrinho mais importante”. A mesma acadêmica que citou a emoção do discurso do paraninfo ressalta que a cerimônia de colação de grau transformar-se-á em “uma memória, uma lembrança boa, um dia feliz, porque a sensação de estar lá é muito gratificante, e muito recompensador” (M2). Assim, destacando-se o imaginário como memória afetiva, recortando um período, uma etapa vivida, um rito de passagem envolto de realizações pessoais e compartilhadas com família e amigos, armazenados como em um álbum de fotografias, relacionando com a ideia de Silva (2020).

Constata-se, ainda, a presença da realização familiar, sendo que a solenidade de colação de grau passa a ser mais desejada pelos pais do que pelo próprio concluinte. De acordo com ele, não é que ele não deseje fazer, mas a simbologia é mais significativa para a sua mãe, pois, segundo ele:

A minha mãe, ela tem ensino superior, mas ela nunca fez nada tão grande, ela não fez uma formatura e tal, mas ela tem algumas pós-graduações e faltou isso, um pouco, sabe? Eu imagino. E como eu sou o filho mais velho dela, eles querem estar com esse cuidado especial, sabe? Estar ingressando, de fato, no mundo adulto. Porque, querendo ou não, eu estou na faculdade, sou um adulto, mas eu ainda não estou, diretamente inserido no mercado de trabalho, e tudo mais. Não é que eu não queira fazer, né? Mas, se fosse levar em consideração a questão do trabalho, de orçamento, tudo isso, talvez eu não faria, sabe? (M3).

A questão financeira, citada no depoimento anterior, reflete ainda em outros discursos, considerando uma cerimônia cara, o que acaba fazendo com que muitos concluintes optem pela outorga em gabinete.

O que há em comum entre todos os entrevistados é a possibilidade de comemorar a conquista junto as pessoas que amam e admiram. “E estar com a família, que é quem nos motiva, quem nos dá apoio, quem está sempre do nosso lado, então, eu priorizo muito eles” (T5).

Tenho entendido que família não é só sangue, família também é quem pega na sua mão e te ajuda, assim, nos dias mais difíceis e que eu tenho muito orgulho, não só meu, como das outras pessoas também que tem muitos alunos que eu sei que vão se formar, pessoas que nunca tiveram experiência de estudar, que eu acho isso incrível (T1).

Esse momento pode ser entendido no contexto de uma das cinco versões do imaginário, de Silva (2020), enquanto ficção compartilhada, tendo uma “verdade” vivida em sociedade, possível de ser descrita e compartilhada em determinado grupo.

Por fim, como último tema, o sentimento em relação à colação de grau em um cenário pandêmico. Todos foram unânimes em afirmar que a colação de grau realizada de forma presencial torna-se mais emocionante, proporcionando o contato visual e físico, possibilitando o olhar carinhoso e o abraço fraterno da família e dos

amigos. Os sentimentos afloram com mais facilidade. Entretanto, nenhum deles deixaria de participar da cerimônia virtual. Uma das concluintes ressaltou que a pandemia afastou muitas pessoas e imaginou como seria o dia de sua outorga de grau:

A gente imagina a colação, já imagina o povão lá, se formando, tudo junto, jogando a cartolinha, um abraçando o outro (...) lá no auditório, lá do IFC, tudo organizado, com aquelas bandeirinhas no canto e todo mundo formalzinho e os amigos que não vão se formar lá, junto comigo. E os que vão se formar também, e vai ser um chororô todo mundo junto. Eu queria todos nós, assim, juntos (T1).

Frustração foi a palavra utilizada por outro concluinte, quando questionado sobre a possibilidade de realização da colação de forma online. Para ele, é importante realizar a cerimônia tradicional, com a família participando da comemoração. “Na minha família, quase todos os meus primos fizeram essa cerimônia de formatura. Daí já fica aquela pressãozinha. Todo mundo já fez eu também quero fazer” (M1). Ainda, identificou-se, nos depoimentos, o sentimento de decepção, por ser algo muito esperado, durante os quatro anos da faculdade. A concluinte, que sonhou com o momento, sonhou que havia um quadro de formatura em seu quarto, ela com a beca, segurando o diploma, resalta que, se a turma toda dela esperasse para quando as colações presenciais fossem liberadas, ela esperaria, mesmo se demorasse a emissão do diploma. Destaca ainda, que:

Faz um ou dois meses atrás que teve colação online da turma anterior. Não é que eu não gostei, é que não é normal né? Não é normal pra gente ter aquilo, assim, ver desse jeito. Foi que nem eu disse... eu sempre gostei de, ai, tocar a musiquinha, eu ir lá. Tradicional né? E ali foi bem simples, por ser daquele jeito. Claro, se fosse desse jeito fazer porque não tem outra opção né? Eu não ia aguardar a próxima turma, eu ia chorar se fosse para esperar outra turma para fazer presencial e não me formar com a minha (T4).

Além dessa fuga do tradicional, as colações online não proporcionariam a mesma satisfação que os concluintes teriam no formato presencial. “Não é a mesma satisfação que a gente passa lá na hora que recebe, vira para as pessoas, faz um gesto, enfim, tem a música, cada um extrapola a felicidade naquele momento de

uma forma. Mas as pessoas estarão lá, passo o *link* e onde estiverem poderão assistir (R1). A possibilidade de reunir pessoas que estão longe e que não poderiam participar de forma presencial é um ponto positivo, levantado pela maioria dos concluintes, apesar do contexto de pandemia que distancia forçadamente as pessoas, as refeições *online* podem aproximar.

... pelo menos a minha família estando longe consegue ter acesso, pra mim acho que facilita e, mesmo que não seja aquela emoção presencial na frente de todo mundo, mas é algo que todo mundo tem acesso e consegue sentir junto comigo, consegue enxergar e ver e ficar feliz, então, eu acho que na forma *online* tem essa coisa boa de conseguir compartilhar com várias pessoas que não precisa ser presencial, porque por exemplo, meu avô ele já não conseguiria vim até aqui, então, para os meus avós, eles verem junto com as minhas tias, tios, já é maravilhoso (T5).

Para outra concluinte, recebendo a outorga de forma online ou presencial teria a mesma validade, ela se sentiria realizada seja qual for o tipo de cerimônia, visto que, para ela, as aulas transformadas em atividades de ensino remotas, facilitou a conclusão do seu curso, pois foi tendo mais tempo para estudar e pesquisar, fez com que ela conseguisse aprovação em todas as disciplinas e, para ela, “nada mais justo do que eu me forme através do virtual (...) afinal das contas, foi graças as virtual que eu estou chegando rápido no meu sonho (...) a felicidade é a mesma, nem mais, nem menos, pode ter certeza disso (T2).

Os altos gastos com a cerimônia de colação de grau mais uma vez foram mencionadas, sendo que o contexto de distanciamento social e os eventos *online* contribuíram, de certa forma, para que esses gastos fossem evitados. Para um concluinte, são despesas desnecessárias, sendo este valor utilizado para, por exemplo, reunir os amigos e fazer uma viagem. Para ele, presencial ou *online*, “o que importa da cerimônia é o simbolismo e o comprometimento. O *debut* para sociedade mesmo” (T3). Argumenta ainda, que:

É um dia só e tem, no presencial, toda a questão de um gasto, tem toda a questão de meu Deus, eu tenho que fazer unha, tem que fazer cabelo, tenho que fazer isso, tenho que fazer aquilo, tenho que alugar o terno, tem que comprar terno... você acaba se estressando mais para aquele momento do que você aproveitando de fato. Tanto que eu percebia que as pessoas aproveitavam a festa de formatura ao invés da cerimônia (T3).

Alguns dos entrevistados mais jovens, além da possibilidade de utilizar o valor que seria gasto com a solenidade presencial, não se importariam em fazer o evento de forma online, pois argumentam que podem ainda, entrar para uma nova faculdade e poder realizar a formatura de forma presencial.

Após descrever os sentimentos dos acadêmicos frente à conclusão de seus cursos de graduação, no momento das entrevistas e também na transcrição dos depoimentos, identificaram-se as recorrências simbólicas, as quais transformaram-se em mitemas. Reconheceram-se cinco mitemas, os quais serão relatados a seguir.

### 1.1 OS MITEMAS PRESENTES NO IMAGINÁRIO DAS COLAÇÕES DE GRAU

Iniciamos, então, a interpretação à luz da metodologia do imaginário de Durand, a partir das constelações simbólicas, ou seja, dos núcleos simbólicos redundantes presentes nas narrativas dos concluintes. Assim, os mitemas encontrados foram: realização pessoal (superação de obstáculos e conquista da vitória); início de um novo ciclo (almejar a especialização em suas áreas e exercer a profissão); gratidão (agradecimento a todos e a tudo que contribuíram para a conclusão da etapa); compartilhamento de emoções (o aconchego e a presença das pessoas próximas); e vivenciar tradição (rito de passagem).

A realização pessoal, de finalizar um curso superior, superando obstáculos dos mais diversos e conquistando a vitória, o grau de tecnólogos ou licenciados, pode-se relacionar ao Regime Diurno da imagem, que indica a noção de Potência, ligado à verticalidade do ser humano, revelando a luta do ser humano por algo, conquistando a vitória sobre o destino, de maneira heroica. A colação de grau é o momento em que se comemora uma etapa marcada por diversos obstáculos, durante os três ou quatro anos de estudos, conciliando com trabalho, família e convívio social. O ato de jogar o capelo ao alto, no final da cerimônia indicam a verticalização, a elevação. Quando o final do percurso se aproxima, “é um desafio, porque são várias etapas, vários momentos que você pensa em desistir, porque ou está muito puxado, ou não era isso que você queria, ou não deu certo o

relacionamento com um professor ou colega. Só cada um sabe de sua trajetória. Então, pra mim é uma vitória eu chegar aqui” (T1).

“Primeiramente, uma realização pessoal, acho que são poucas as pessoas que têm o privilégio de ter acesso à educação, independente, pública, privada, considerando a situação atual do país, e até mesmo os primórdios, né? Lá do início” (R1).

Sobre o mitema do início de um novo ciclo, almejando a especialização em suas áreas e exercer a profissão escolhida, pode-se relacionar à estrutura sintética do imaginário, do Regime Noturno, com os seus símbolos cíclicos. Ferreira-Santos e Almeida, (2020, p.20) indicam que este pode ser separado em um terceiro Regime, denominado Crepuscular, considerando “a dominante cíclica independente da dominante digestiva”, reconhecido por Durand, entretanto, sendo uma perspectiva ainda aberta, pela indefinição de suas bases filosóficas. Os concluintes, apesar de terem alcançado um degrau em suas vidas acadêmicas e profissionais, sentem que ainda podem conseguir algo mais, que ainda há degraus a subir, almejando uma especialização na área escolhida ou áreas afins, iniciando um novo ciclo em seus estudos, em busca de novos conhecimentos, pois “quanto mais a gente estuda, mais libertador é, em vários aspectos” (T1).

“Eu com certeza gostaria de estudar mais, eu não sei até que ponto está o meu alcance, sabe? Eu tenho bastante ferramentas para não ficar parado. Vou me especializar (...) então essa jornada de auto-descobrimto e de aperfeiçoamento” (M3).

A gratidão foi outro mitema identificado, sendo uma das palavras mais pronunciadas na maioria dos depoimentos. Esses agradecimentos eram dos mais diversos, à família, aos amigos, aos professores, à instituição, ao universo, a Deus ou simplesmente a tudo ou a ninguém ou nada em específico. “Então, isso realmente foi um sentimento de gratidão enorme, de poder ter chegado até aqui, de ter conseguido, lutado para chegar até aqui e agora já vemos uma luz mais próxima do fim do túnel, já me sinto muito bem” (T3).

“Parece mentira ter chegado até aqui e só posso ter gratidão à vida, gratidão a tudo, aos professores, tudo que tu pode imaginar, até a pandemia, que me possibilitou, porque se não fosse, eu não estaria lá, pode ter certeza” (T2).

A gratidão pode ser entendida no Regime Noturno da imagem, construindo uma harmonia, gosto pela intimidade, aquietando-se e gozando da felicidade de conquistar o tão almejado grau de tecnólogo ou licenciado. Após a luta para se chegar ao ápice, que é a conclusão da faculdade, há o desfrute e a recompensa, a calma e a felicidade, o símbolo da intimidade, em que agradecer os percalços para eles, se faz necessário.

Ainda no regime noturno da imagem, o compartilhamento de emoções representa o aconchego e a presença das pessoas próximas. A intimidade, a eufemização de momentos de luta na presença, no abraço e na companhia de pessoas que fizeram parte da conquista dos concluintes. A estrutura mística do imaginário se destaca neste mitema, a construção da harmonia, a união e o gosto pela secreta intimidade (PITTA, 2017). A colação de grau representa, para os concluintes, estar ao lado de quem eles amam. “Essa minha trajetória não faz sentido sem as pessoas que estiveram comigo. É uma vitória para ser compartilhada” (T1).

“É um momento vivido em conjunto, principalmente eu e minha família. Assim, a gente sempre esperou muito por esse momento, eles também sempre apoiaram muito e acham importante participar dele juntos, sabe? Então é um conjunto de mim e deles” (M2).

Vivenciar a tradição foi outro mitema identificado nos depoimentos coletados. O Regime Noturno pode também ser associado a este mitema, no sentido de estrutura de sensibilidade dramática, pois a tradição de realizar a colação de grau pode ser considerada como um ciclo da vida do concluinte, sendo esta, na visão dos formandos, “um ato simbólico muito grande (...) na nossa sociedade em si, a gente tem momentos marcantes na nossa vida. A menina na festa de 15 anos, ela é apresentada à sociedade, quando a gente faz 18 anos (...) é uma transição do jovem para o adulto. No momento do casamento, o casal, eles deixam de ser dois e se tornam um só (...) a cerimônia de colação de grau, ela representa uma forma de

apresentar aquele profissional para sociedade (...) é como se fosse um baile, um baile de debutantes para apresentar a sua cidade um novo profissional...” (T3). A solenidade de formatura “é que nem casamento, sabe? Quando a noiva está entrando e a gente se emociona” (T5). “Eu vou me preparar, como se fosse uma noiva para o casamento” (T2).

Por fim, compreende-se que todas as narrativas dos concluintes estavam repletas de sentidos. Cada um deles ilustrou a sua visão sobre a colação de grau de uma forma diferente, levando em consideração sua cultura, seu cotidiano e suas formas de desenhar a sua realidade. Algumas recorrências simbólicas foram percebidas, identificando os mitemas presentes em seus diálogos, sendo estes a realização pessoal, o início de um novo ciclo, a gratidão, o compartilhamento de emoções e a vivência da tradição, os quais podem ser manifestados por meio dos ritos. Assim, o ritual da colação de grau, independente se ele seja realizado de forma virtual ou presencial, é um momento em que os sentimentos emergem, dando vazão aos sentidos, que ordenam o caos da vida cotidiana (ROSSI, 2020).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As solenidades de colação de grau ou formatura, expressão popularmente utilizada por muitos, celebra a conclusão de uma etapa e o início de outra, transformando-se em um rito de passagem tradicional, assim como a celebração dos 15 anos, a maioridade e o casamento, conforme identificado no imaginário dos concluintes. Os ritos que fazem parte do ritual de outorga de grau são entendidos como formalidades tradicionais, mesmo que seus verdadeiros significados não sejam de conhecimento da maioria dos concluintes. Mesmo assim, entendem como um importante momento a ser vivenciado e compartilhado.

Nesta pesquisa, o objetivo foi analisar a estruturação simbólica das colações de grau em cenário pandêmico, no imaginário dos concluintes dos cursos de Tecnologia em Gestão de Turismo, Tecnologia em Redes de Computadores e Licenciatura em Matemática, do Instituto Federal Catarinense, *Campus Avançado Sombrio*. Com isso, identificaram-se cinco mitemas, resultantes da frequência



simbólica presente nos discursos desses acadêmicos: realização pessoal; início de um novo ciclo; gratidão; compartilhamento de emoções; e vivenciar tradição.

Essa estruturação simbólica poderia estar presente tanto nas solenidades realizadas de forma presencial quanto online. Todos os entrevistados receberiam a outorga de forma online, não aguardariam a liberação para o presencial, pois gostariam de realizar com sua própria turma e também pelo fato de que, adiando a cerimônia, adiariam também a emissão de seus diplomas. Para alguns, a realização do evento de forma virtual é uma consequência, pois cursaram as últimas disciplinas, defendem TCC e realizarão estágio remoto ou misto, na frente da tela de seus computadores ou celulares e a colação de grau não poderia ser diferente. Outros, relatam frustração ou decepção pela possibilidade de realizar a solenidade de forma online, entretanto, não deixariam de realizá-la por esse motivo. Seria, também, uma forma de aproximar as pessoas que estão longe e que não conseguiriam se deslocar para prestigiar de forma presencial. Cabe ressaltar, que todos destacaram que o sentimento seria diferente, a aproximação das pessoas, os abraços, os sorrisos e a emoção do presencial não poderão ser os mesmos no meio virtual.

Considera-se, assim, ao finalizar essa pesquisa, que os sentimentos de superação, realização, conquista e compartilhamento de felicidade são sentimentos em comum e que independem de solenidade virtual ou presencial neste grupo de concluintes. Supõe-se que essa neutralidade seja evidenciada por turmas que realizaram várias etapas de forma *online*, no caso de alguns, dois terços da jornada total, podendo ter sentimentos diferentes das turmas anteriores, que concluiriam em 2020, logo no início da pandemia, em que fomos forçados a manter distanciamento social. Fato este que pode ser explicado, de certa forma e como um exemplo, pela turma de Turismo, que colaria grau em abril de 2020 e até agosto de 2021, esperava pela possibilidade de realizar de forma presencial, recusando os convites para as solenidades virtuais. Turma esta que eu tive a honra de ser convidada como patrona e que, pelo contato com os concluintes, percebem-se as expectativas, ansiedade e desejo de realizar a colação de grau de forma presencial, com todos os ritos e com a

presença das pessoas de seus convívios, dividindo os sentimentos e a emoção desse rito de passagem.

Algumas reflexões e constatações são importantes de serem colocadas nestas considerações finais. Esta pesquisa foi construída e finalizada para apreciação de uma disciplina do doutorado, ampliada para transformar-se em ensaio de tese e, após a sua defesa em banca avaliadora, teve-se a notícia de que as colações de grau foram liberadas para serem realizadas de forma presencial no IFC, devido aos avanços da vacinação, a redução nos casos de contaminação e a liberação gradual das concentrações de pessoas em locais fechados.

Assim, no dia 27 de maio de 2022, realizou-se a cerimônia de Colação de Grau dos cursos superiores do IFC - *Campus Avançado Sombrio*. Quatro dos nove entrevistados participaram da colação presencial, além dos concluintes dos anos anteriores, que aguardavam ansiosos por este momento. Eu, enquanto organizadora do evento, patrona e também nome de turma, pude observar e sentir junto a eles toda a emoção por eles externalizada.

O orgulho em vestir a beca, as lágrimas no momento do recebimento da outorga, o abraço apertado na entrega do canudo, as lágrimas no momento dos discursos, o sorriso largo e a respiração profunda no momento final da comemoração, com o capelo ao alto. Neste momento eu reflito: será mesmo que todos eles teriam a mesma emoção diante de uma tela de computador, como a maioria deles disse nas entrevistas, que não importaria se colassem grau de forma virtual ou presencial? As telas podem encurtar distâncias, mas não substituem o toque, as trocas de olhares e todos os sentidos experienciando e vivenciando cada etapa do ritual de colação de grau. O *print* da tela não seria capaz de captar a essência, os sentimentos, o simbólico, que vai além de nossa percepção, além do que podemos compreender. Nas palavras de Cassirer, o momento propiciou uma energia espiritual, compreendida como algo feito espontaneamente, interagindo e interlaçando as sensações do mundo exterior com a sensibilidade interior de cada uma das pessoas que ali findavam um ciclo e abriam caminhos para outros.

## THE SYMBOLIC STRUCTURING OF GRADUATIONS: THE IMAGINARY OF GRADUATES FROM A FEDERAL INSTITUTE IN A PANDEMIC CONTEXT

### ABSTRACT

This research proposes the beginning of a study about the symbologies that involve the ritual of graduation, from the perspective of graduates, ceremonies that are composed of significant rites in various educational institutions, in which each of the actions that make up these ceremonies has a meaning established, patent. However, in the latent perspective, different meanings and experiences emerge around each of the symbols, for each graduate who completes a cycle of studies, culminating in Graduation. Therefore, a reflection on the practices of graduation ceremonies and their constellations of images can be inaugurated, including the specificity of the pandemic scenario, in which traditional ceremonies were transformed, with the use of technology, into virtual or hybrid, at a time when social distancing was necessary. Thus, this research has the general objective of analyzing the symbolic structuring of graduation rituals in a pandemic scenario, in the imagination of the graduates of the three higher courses of the Instituto Federal Catarinense, *Campus Avançado Sombrio*. In light of the mythology of Durand's imaginary, based on the redundant symbolic nuclei present in the graduating students' narratives, the mythemes found were: personal fulfillment; start of a new cycle; gratitude; sharing emotions; and experience tradition. Regarding the possibility of holding the ceremony online, for most, there would be no problems in doing so. For some, it would be a way to bring people who are far away and, for others, there would be a certain frustration in not being able to be in person with the people they live with.

**Keywords:** Imaginary. Graduation ceremony. Symbols. Rite of passage.

### REFERÊNCIAS

AZEVEDO, N. S. N. (de); SCOFANO, R. G. (orgs.). **Introdução aos pensadores do imaginário**. Campinas: Editora Alínea, 2018.

BARCELOS, M. **Solenidades de colação de grau na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992-2012)**. 2016. 151 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Bens Culturais) - Centro Universitário La Salle, Canoas, 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Guia de eventos, cerimonial e protocolo para a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. 2. ed., rev. e ampl. Brasília: Ed. IFB, 2017.

CARVALHO, J. C. DE P. A culturálise de grupos: teoria e heurísticas em educação e ação cultural. Niterói: Intertexto, 2021.

CRUZ, J. S. (da). **Práticas educativas dos ritos de iniciação: um estudo comparado nas religiões monoteístas**. 2016. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

DALHUISEN, C. P. **Ritual, Simbologias e Memórias na Colação de Grau da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie**. 2018. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura)-Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

DURAND, G. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. **R. Fac. Educ.**, 11 (1/2): 243-273, 1985.

\_\_\_\_\_. **A imaginação simbólica**. Trad. Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FERREIRA-SANTOS, M.; ALMEIDA, R. de. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**. 2. Ed. São Paulo: FEUSP, 2020.

GARBELOTTI, R. **Textos sobre cerimonial, protocolo, solenidades, eventos e mestre de cerimônias publicados no Informe Cerimonial do FORCIES**. Curitiba: Imprensa Universitária – UFPR, 2013.

\_\_\_\_\_. **Textos sobre cerimonial, vestes talares, solenidades, eventos e mestre de cerimônias**. Curitiba: UFPR, 2015.

LORDÃO, C. M. A. **O Cerimonial Universitário como preservação da memória institucional da Universidade Federal do Ceará**. 2019. 150f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior)-Curso de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

MAFFESOLI, M. **O imaginário é uma realidade**. [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MATTA, R. Apresentação. In: VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2012. E-book (não paginado).

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2017.

ROSSI, L. A. S. **Rito, mito e símbolo como fenômenos religiosos e sociológicos**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

SILVA, J. M. (da). Cinco versões de imaginário. **Memorare**, Tubarão, v. 7, n. 3, set/dez, 2020.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2012. E-book (não paginado).